



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ELISÂNGELA BOSA CORDEIRO

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Entrevistada: Elisângela Bosa Cordeiro

Local da entrevista: Curitiba

Entrevistadora: Maria Thereza Oliveira Souza

Data da entrevista: 22/08/2016

Processamento da entrevista: Maria Thereza Oliveira Souza

Páginas Digitadas: 23

Número da entrevista: E-771

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Maria Thereza Oliveira Souza intitulada “*Da visão que eu tenho, do que eu vivi, não sei muito no que acreditar*” - *atletas da seleção brasileira feminina e as memórias de um futebol desamparado*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná em fevereiro de 2017.

Cedida para publicação no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte em maio de 2017

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início no futebol; Primeira equipe; Preconceito; Seleção Brasileira; Retorno a Curitiba; Copa do Brasil; Apoio da família; Campeonatos disputados; Público nos jogos; Profissionalização; Futebol fora do país; Remuneração; Mulheres treinadoras; Mercado do futebol; Motivações; Manutenção da prática; Patrocínios.

Maria Thereza Oliveira Souza – Boa tarde Elisângela, primeiramente gostaria que você falasse seu nome completo e sua idade.

Elisângela Bosa Cordeiro – Boa tarde, meu nome é Elisângela Bosa Cordeiro e tenho 36 anos.

Maria Thereza Oliveira Souza – Nesse momento, gostaria que você iniciasse contando sobre a sua carreira no futebol como que ele se inseriu na sua infância. Então, como que você começou realmente a praticar futebol...

Elisângela Bosa Cordeiro – Bem...como eu acho que hoje ainda é né, comecei jogando com meus irmãos, desde piquitinha, desde meus seis, sete anos. Mas assim, minha influência mesmo foi da minha família e meus irmãos. E sempre jogando no meio de homens. Cresci assim, minha infância, minha pré-adolescência, jogando com eles em campeonatos masculinos e eles sempre me colocavam pra eu poder brincar um pouquinho. Com quinze, dezesseis anos entrei em uma escolinha ali no Novo Mundo e dali fui indicada pra jogar no clube União Aú, que era o único clube feminino que tinha na época. Aí passaram meu telefone, fui lá e fiz uma experiência e aí comecei a praticar o futebol feminino mesmo, em um clube amador de Curitiba.

Maria Thereza Oliveira Souza – E nesse início em meio a meninos, como era a convivência com eles?

Elisângela Bosa Cordeiro – Assim, era tranquilo porque na verdade era com minha família, com meus irmãos. Então assim, eles tinham um time de futebol e a gente tinha um campo atrás da minha casa e ali que eram os campeonatos, campeonatos de homens, já adolescentes. E eu sempre entrava, eles sempre me colocavam pra brincar, porque meus irmãos sabiam que eu gostava de jogar, que eu já tinha um pouquinho de habilidade. Então foi ali que eu comecei. Depois que eu ingressei mesmo só no feminino.

Maria Thereza Oliveira Souza – E não tinha resistência por parte de outros meninos que jogavam junto?

Elisângela Bosa Cordeiro – Não, ali não. Ali graças a Deus não. Até hoje em campeonatos, em alguma brincadeira, a gente faz amistosos contra homens, contra adolescentes. Meu sobrinho, que também é meu afilhado, tem um time da turminha dele, e como minha mãe mora numa chácara, a gente tem um campo de futebol lá (suíço). Então assim, ele tem uma turminha e às vezes no final de semana, principalmente no domingo, ele chama [os amigos] e fala: “ó, minha tia está aqui, venham aqui pra gente fazer um joguinho”. Então eu jogo com pias, adolescentes, de quinze, dezoito anos. Não tive esse preconceito, por ser mulher, jogar no meio de homens, “ah, porque joga mais, porque joga menos”, não tive esse preconceito.

Maria Thereza Oliveira Souza – E você acha que isso te ajudou depois quando você começou a jogar com meninas? Tecnicamente.

Elisângela Bosa Cordeiro – Tecnicamente sim, na verdade eu nunca tive esse preconceito, então quando eu entrei mesmo no futebol feminino, que foi em 1996 quando eu entrei pro clube do União Aú, isso pra mim foi uma experiência válida.

Maria Thereza Oliveira Souza – Então o momento em que surgiu uma equipe exclusivamente feminina foi quando você ingressou no União Aú, isso?

Elisângela Bosa Cordeiro - Isso. Foi em 1996. Eu tinha dezesseis anos. Comecei jogando no União Aú. Joguei dois anos lá e pelo União Aú fui duas vezes campeã paranaense de campo né e ali foi um pontapé inicial pro decorrer, pro alavancar da minha questão do futebol feminino.

Maria Thereza Oliveira Souza – E você notou alguma diferença em disputar só com meninas?

Elisângela Bosa Cordeiro – É, é diferente. Você jogando com mulheres, jogando com meninas, é diferente do que o masculino. Por mais que você está ali, que você está jogando, muitos não aceitam você dar um drible, fazer uma jogada [riso]. Existem assim algumas impressões: “ah não, não pode me driblar, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo”. Então ali, pra mim, foi tranquilo.

Maria Thereza Oliveira Souza – E eu vejo muito que existe resistência dos pais do meninos em relação às meninas jogando, você notou alguma coisa em relação a isso?

Elisângela Bosa Cordeiro – Lá não né, mas inclusive, até agora a pouco tempo, teve uma menina lá em São Paulo, que os próprios pais não aceitavam que ele jogasse e na verdade a comunidade conseguiu derrubar isso. Mas eu não tive isso não né e eu espero que não tenha isso, porque hoje aqui no Paraná, por exemplo, o futebol feminino de campo não tem campeonatos, não tem base, sub8, sub15, sub18. Então geralmente as meninas estão procurando jogar com a piaçada mesmo.

Maria Thereza Oliveira Souza – Então pode contar a sua trajetória no futebol feminino a partir do momento em que você ingressou no União Aú.

Elisângela Bosa Cordeiro – Bom, comecei no União Aú com dezesseis anos né, e jogando lá eu fui campeã duas vezes do paranaense feminino. Então ali assim foi quando eu comecei a me apaixonar mesmo pelo futebol feminino. “Ah, quero seguir carreira, é o meu sonho, [quero que] apareçam oportunidades, eu quero ir pra fora, quero conquistar e viver do futebol feminino” [relembrando seus anseios na época]. Mas infelizmente não foi bem assim né. Então, fiquei dois anos ali no União Aú e depois eu sai e fui jogar no São Paulinho Esporte Clube, um clube amador aqui de Curitiba também, e nessa época o futebol feminino era muito [difundido], mais até do que hoje. O campeonato tinha dez ou doze times. No campeonato paranaense, só aqui de Curitiba tinha quatro times, do interior do Paraná tinham bastantes times, tinha Foz, Maringá (o Maringá Seletto Clube), Ponta Grossa, Umuarama, Cianorte, então tinham times de todo o Paraná. Então o futebol feminino em si era um pouquinho mais valorizado. Então eu saí do União Aú, joguei dois anos pelo São Paulinho. No São Paulinho eu fui duas vezes vice-campeã paranaense e ali no São Paulinho que eu realizei meu sonho. Em uma pré-seleção que teve no final de semana no decorrer do campeonato paranaense que foi minha primeira convocação para a seleção. Isso foi em [19]98 e eu tinha dezoito anos. Então ali assim, aquele sonho de jogadora estava bem assim [próximo de se] realizar [expressão de animação e espanto].

Maria Thereza Oliveira Souza – E aí na seleção que você chegou, quais eram as referências nesse momento?

Elisângela Bosa Cordeiro – Nessa época, as referências da seleção, em [19]98, era a Sissi, a Pretinha, a Maicon, a Formiga, então já era uma seleção de mais lá atrás, a Taffarel, goleira. E aqui, quando a gente foi convocada, foi a primeira convocação minha e da goleira Andreia, inclusive a gente jogava junto no União Aú e nessa pré-seleção a gente foi convocada juntas pra integrar essa pré-convocação da seleção. Mas essa primeira convocação em [19]98, na verdade a gente não teve muita sorte porque o técnico da época, que era o Zé Duarte, que viu a gente jogando aqui em Curitiba e que gostou muito do nosso futebol, quando a gente foi pra Granja Comary, ele acabou passando mal, teve um AVC e no decorrer ele veio a falecer e assumiu um inteirino. Ai na verdade ela já conhecia e tinha as atletas mais de nome e ele ficou conhecendo a gente lá. Então a gente não teve um apoio maior né. Então assim, foi uma pré-convocação, a gente ficou treinando vinte dias na Granja Comary, depois retornamos, naquela época as convocações eram a cada dois, três meses, era mais [espaçado] do que hoje, que é quase todo mês.

Maria Thereza Oliveira Souza – E como que foi a recepção dessas atletas mais antigas com vocês que estavam chegando?

Elisângela Bosa Cordeiro – Olha, é complicado, complicado, porque a gente quer e é uma realização de sonho, mas você chega lá e fica meio que presa, você se sente presa. No começo assim, você está querendo realizar o sonho, mas, ao mesmo tempo, quer ir embora. Na verdade já existe, desde lá existe a panelinha das mais velhas, sempre existiu, até hoje. E acho que enquanto não mudar isso, a questão do futebol feminino não vai alavancar. Assim, a recepção foi boa, mas aquela coisa de pô, ter horário pra acordar, horário pra treinar, você não poder fazer isso, não poder fazer aquilo, você não pode isso, não pode aquilo. Se for pra descer tomar café, todo mundo tem que estar de bermuda, todo mundo de bermuda, se todo mundo estiver de agasalho, tem que estar todo mundo de agasalho, se uma estiver de meia, todo mundo tem que estar de meia. Então assim, no começo foi meio que assustador.

Maria Thereza Oliveira Souza – E aí voltando da seleção você continuou jogando aqui [Curitiba]?

Elisângela Bosa Cordeiro – Isso, voltando da seleção, isso em [19]98, eu voltei a jogar aqui, que ia ter o campeonato brasileiro, lá atrás era um formato diferenciado o campeonato brasileiro e fui convidada pelo time de Foz do Iguaçu, não era o Foz Cataratas, mas era o Floresta Foz do Iguaçu na época. Me convidaram pra ir treinar e eu fui treinar pra me preparar pra ir pra esse campeonato brasileiro que ia ser em Goiânia. Infelizmente, eu acabei lesionando meu joelho, isso com dezenove anos, em 1999. Acabei lesionando e tive minha primeira cirurgia, então ali já fiquei paradinha um tempo, mas quatro, cinco meses, como eu era nova minha recuperação foi rápida da cirurgia e continuei jogando, mas daí continuei jogando aqui em Curitiba, pelo Novo Mundo, isso em 2000, 2001, pela equipe do Novo Mundo. E em 2001 eu fui convidada também para jogar, como tinha o paranaense, ainda tinha o paranaense de campo, o técnico do Maringá, o Edson Lambari (que até hoje é o técnico de futsal do Maringá), tinha o time feminino de campo e me convidou pra jogar por ele os Jogos Abertos. Meu primeiro jogo lá por Maringá foi esse Jogos Abertos, que foi em Toledo. A gente acabou sendo campeã, dali veio o sul-brasileiro e era o único time que iria representar o Paraná, acabei ficando lá, jogando o sul-brasileiro e em 2001 teve um brasileiro também e o Maringá iria participar do brasileiro. Acabei indo pra Ubá, ficamos em quinto lugar. Ubá, disputando o campeonato brasileiro, por Maringá. Daí voltamos e o campo começou a ficar vasto [escasso] novamente, e assim, 2001, em Ubá, foi o último campeonato brasileiro que teve. Daí, depois de lá, voltei pra Curitiba, fique jogando aqui nos times, no Novo Mundo, campeonatos estaduais, o paranaense tinha, mas já acabou diminuindo a quantidade de times, e assim, assim foi. Em 2005 teve um campeonato aqui em Curitiba, na verdade um campeonato pra fazer uma pré-seleção, porque eles fizeram um campeonato com os times de todo o Paraná, que iria estar aqui novamente o técnico da seleção, que na época era o Luis Antônio, em 2005, que iria ter uma convocação. E nesse ano, em 2005, eu estava jogando em Colombo e a gente representou nesse campeonato de final de semana, o Colombo, inclusive a Ester jogava comigo e algumas outras meninas daqui também jogavam. Fizemos esse campeonato e no domingo, último jogo, na verdade, a gente perdeu. Na verdade eram jogos alternativos, e o campeão foi o Novo Mundo, mas eu jogava por Colombo e assim, no final do campeonato, o técnico da seleção estava ali assistindo todos os jogos e deu a notícia, mandou chamar eu

e a Ester e deu a notícia novamente que a gente iria ser convocada para a seleção. Então essa seleção de 2005, que a gente iria ser convocada, era para a preparação para o Mundial da China. E dali eu fui convocada novamente pra seleção, 2005. Duas convocações, uma eu fiquei na Granja Comary, em Teresópolis, treinando e a outra a gente fez um amistoso no Rio de Janeiro mesmo, contra a seleção dos Estados Unidos. As duas convocações, uma foi em maio e a outra foi em junho e ia ter em agosto. Na de agosto, que eu já estava convocada novamente, – ali na verdade eu estava no meu auge de volta, após as circunstâncias de cirurgia e não poder jogar e passar um pouquinho de dificuldades, de sair fora pra poder jogar em São Paulo, em algumas equipes, e ter ficado meio ressabiada do futebol, ali me deu uma esperança maior – mas assim, hoje eu falo, infelizmente, mas felizmente, quando iria ter a próxima convocação, eu engravidei. Daí quando voltei da seleção, engravidei e não pude ir à próxima convocação que foi em agosto, então assim, ali deu mais uma parada no meu sonho da questão da seleção.

Maria Thereza Oliveira Souza – E aí quando você teve a sua filha você continuou jogando enquanto ela era novinha?

Elisângela Bosa Cordeiro – Olha, na verdade assim, eu tive um baque quando eu descobri que estava grávida, eu tive um baque, porque eu acho assim que eu estava no meu melhor auge do meu futebol, foi em 2005, estava com vinte e cinco anos. Eu já tinha levado muita cabeçada na questão do futebol feminino, de jogar e ir pra times de São Paulo, passar dificuldade, ter que voltar, ter que ligar pra família, passar fome. Então ali assim eu estava no auge como ali em 2005 eu já via um futebol feminino da seleção brasileira diferente, ali já era a época de Marta, de Cristiane, Aline Pelegrino, Renata Costa, que eram jogadoras que eu já conhecia dos campeonatos brasileiros, então já conhecia a qualidade das jogadoras, então assim, já não se sentia tão presa né. Então na verdade foi um baque. Hoje eu tenho, então acho que não tem troféu maior, minha filha está com dez anos já né e assim, parei de jogar, eu fiquei assim, acho que um ano. Tive ela e fiquei um ano. Aí depois eu comecei a jogar, na verdade eu comecei a jogar campeonatos amadores aqui em Curitiba, campeonatos de areia pelo time do Cruzeiro aqui e em 2007 o time do São José foi convidado para representar o Paraná pra jogar a Copa do Brasil, foi a primeira Copa do Brasil que teve e ali me convidaram pra jogar. Então assim, ali eu voltei a treinar novamente, a ter um pouquinho mais de força de vontade que eu tinha perdido, eu falei:

“opa, acho que dá ainda né, acho que dá pra continuar”. Então assim, na verdade a gente não consegue parar, eu sempre continuava jogando em alguns times daqui, algum amador, uma bolinha aqui, uma bolinha ali. E quando me chamaram pra jogar: “ó, a gente quer muito você, vem”, ai eu voltei mesmo a praticar com força total.

Maria Thereza Oliveira Souza – E a sua filha te acompanha? Ela gosta?

Elisângela Bosa Cordeiro – Acompanha, acompanha...inclusive ela agora, que a gente está jogando o Fut7 com a Equipe Forte, é muito fã da nossa goleira, a Joelma. Ela é muito fã da Joelma e a Joelma incentiva ela muito e há uns dois meses atrás ela começou, porque ela ia nos treinamentos, frequenta os jogos, sempre torcendo pela mãe né, e ela começou que ela quer ser goleira e me fez comprar uma luva [surpresa]. Então eu tive que comprar uma luva, agora ela quer uma calça de goleira, quer uma roupinha toda de goleira, e assim, um dedo disso tem da Joelma, porque na verdade incentivou e ela quer, quer muito. Inclusive, sábado agora, a gente treinou e ela foi lá com a luva, então assim, tem um jeitinho assim sabe, tem um jeitinho. Se for, que bom, se for, que bom, claro que eu vou estar já velhinha pra acompanhar ela [risos], mas eu quero muito, quero muito que ela siga alguma coisa na área do esporte.

Maria Thereza Oliveira Souza – E nos clubes que você passou, você conseguiu viver só do futebol?

Elisângela Bosa Cordeiro – Não, infelizmente não. Assim, é o sonho de qualquer jogadora, vou ir lá, vou ter um salário. Nessa época lá atrás, quando eu fui, vamos colocar de 1999 a 2005, que foi quando eu resolvi sair, assim, as promessas eram grandes, “ah, você vai ganhar isso, você vai”, um mês, dois meses, ok, depois não tinha, não tinha como, atrasava. Não só a questão de pagar, a questão de, acho que você, por mais que você está lá, está longe da família, está longe de tudo, você tem que ter um lugar bom pra você dormir, pra você se alimentar bem, então começou a vir isso, começou a pesar mais isso, tive que ligar pra família “ó, compra passagem pra mim, que eu só vou retirar lá” e vim embora. Em São Paulo tive que fazer isso, tive que sair escondida e vir embora escondida. Então assim, acho que hoje melhorou, vamos colocar uns 70%, porque ainda eles falam que você vai receber isso, alguns investem, mas é aquele pequeno [pouquinho] né, um,

dois, três meses, depois já começa atrasar salários, começa isso, começa aquilo. Então, nunca tive. O único que eu tive um apoio mesmo, era quando você era convocada para a seleção, então toda convocação você tinha uma quantidade X em dinheiro, segunda convocação uma quantidade X em dinheiro, ganhou um amistoso você tinha uma quantidade em dinheiro, mas assim sobreviver do futebol não [negação com a cabeça], sempre trabalhando e procurando treinar a noite, finais de semana – jogos. Então assim, infelizmente, não. [expressão de pesar]

Maria Thereza Oliveira Souza – E quando você foi para São Paulo jogar, você morava aonde? Nas dependências do clube?

Elisângela Bosa Cordeiro – Numa república né, geralmente eles têm uma república, eles têm uma casa aonde todas as jogadoras moram, uma casa grande, você dorme em beliche, dorme no chão. A comida era complicada, porque assim, não tinha café da manhã porque você acordava e ia direto pro treino, então “ah, não precisa”. Almoço, em todos os que eu fiquei, não tinha almoço, a gente não cozinhava, era *marmitex* – *marmitex* na hora do almoço, *marmitex* na janta, chega um momento que você não aguenta mais. E se você chega e cobra uma coisa que prometeu pra você, as pessoas falam que não tem como, vão empurrando com a barriga, então depois disso resolvi voltar, então, vou tentar mesmo aqui de Curitiba, vou tentar pelo menos perto da minha família, perto dos meus amigos, jogando e fazendo o que eu gosto.

Maria Thereza Oliveira Souza – E a sua família nesse momento em que você estava passando dificuldades, te encorajavam a continuar, pediam pra você parar, o que eles falavam?

Elisângela Bosa Cordeiro – Não, eles sempre pediram pra voltar né, sempre pediam pra voltar. No começo até, minha mãe falava: “ah, pára de jogar, pára de isso, você só vai, você só quebra a cabeça, está passando fome, está isso”. Meu pai já foi sempre aquele que sempre me ajudou, que sempre me apoiou, aqui em Curitiba ele sempre estava nos jogos comigo, sempre me acompanhava, ia assistir os jogos, então assim, sempre me deu uma força maior. Mas a minha mãe já era mais assim: “não, não vá, fica, está aí passando fome”, principalmente quando machucava, quando chegava machucada alguma coisa,

tinha que fazer cirurgia, e ela estava certa né [riso], na verdade eu sempre dependia dela. Quando eu fiz minha cirurgia, quem me cuidou foi ela.

Maria Thereza Oliveira Souza – Sabe que é engraçado isso, porque todas as atletas que eu tenho entrevistado, geralmente, o apoio vem do pai e a mãe tenta segurar...

Elisângela Bosa Cordeiro – É, hoje, eu que sou mãe, na verdade a gente entende né, porque você vê tua filha lá: “ah, está tudo bem?”, ligava “ah, está tudo bem, filha?” – “ah, está mais ou menos”, - “e daí, recebeu?” - “não, não recebi” [diálogo entre a atleta e sua mãe]. Então assim, é preocupação de mãe mesmo, e o pai já é aquela coisa: “quero ver minha filha feliz, vai, vai lá, vou torcer, vou isso, vou aquilo”. É aquele que sempre dá um jeitinho, sempre está te protegendo do lado. E a mãe já é mais coração, coração: “não, não, você vai sofrer, você vai isso, você vai aquilo, ah agora está machucada e daí quem que vai cuidar de você?”. É coisa de mãe mesmo [riso].

Maria Thereza Oliveira Souza – Verdade [riso]. E quais eram as condições dos campeonatos que você disputou? Você deve ter disputado o Campeonato Paulista, o Paranaense...

Elisângela Bosa Cordeiro – É, o Paranaense. Os campeonatos eram, os campeonatos aqui era troféu, na verdade. Mesmo aquele gostinho de ganhar, troféu, medalha de campeã paranaense em si. Copa do Brasil, você tinha uma quantidade em dinheiro, sabia que tinha. A gente tinha a Copa do Brasil e, hoje, o Brasileirão feminino você tem uma quantidade X, que é patrocinado pela Caixa. Então, primeira fase, você vai jogar em Santa Catarina, mas você vai de ônibus, o ônibus custa tanto, vai gastar tanto de ônibus, hotel, alimentação, então a Caixa já te dá uma ajuda de custo pra isso, e quando você é campeã também, Brasileiro, Copa do Brasil. Mas os campeonatos estaduais não, os campeonatos estaduais é questão de (isso pela federação né, campeonatos pela federação), mais é a questão de campeão, medalha, então não tem alguma coisa, nem vai ganhar isso ou vai ganhar aquilo.

Maria Thereza Oliveira Souza – E os campos que você jogavam?

Elisângela Bosa Cordeiro – Olha, os campos em si, alguns bons, já cheguei a jogar em estádio em 2008, que a gente jogou no Couto Pereira, que a gente jogou contra o Santos, pelo Novo Mundo. Então assim, já cheguei a jogar no Couto Pereira, já cheguei a jogar no Beira Rio, que é de Porto Alegre, no estádio do Santos, é... Esqueci o nome...

Maria Thereza Oliveira Souza – Vila Belmiro

Elisângela Bosa Cordeiro – Isso, Vila Belmiro. Então, no estádio de Maringá, lá no estádio de Maringá. Aqui no próprio estádio do Pinhão, em São José, quando eu jogava eram todos os jogos ali. Assim, as condições de estádios quando eram competições nacionais, sim. Mas clubes amadores, igual a gente que jogava aqui no União Aú, nos clubes amadores, tanto aqui como no interior, já aconteceu de a gente jogar o paranaense, de chegar lá, e, por exemplo, o vestiário ser muito pequenininho, as condições de campo, por chuva, por alguma outra coisa – infelizmente porque a gente tinha viajado, tinha que ter o jogo, pra não perder o que a gente gastou com a viagem – eram bem precárias, não todos, não vou colocar todos, mas alguns sim. Em alguns, depois que você terminava, sabia que ia ter que voltar de viagem e não tinha uma água quente pra você tomar banho, tinha um chuveiro funcionando pra quinze, vinte atletas tomar banho. Era complicado.

Maria Thereza Oliveira Souza – E a quantidade de público nos jogos que vocês disputavam?

Elisângela Bosa Cordeiro – Muito pequeno, muito pequeno. Geralmente é amiga, é família. Não tem apoio nenhum. Aqui em Curitiba, eu falo assim, a gente fica muito triste, porque às vezes a gente tenta divulgar, a gente tenta divulgar. Acho que a minha maior felicidade acho que foi esse ano da Copa do Brasil [2008], que foi no Couto Pereira, que a gente conseguiu levar quase quinze mil pessoas, mas foi porque a gente estava jogando contra o Santos, que era praticamente a própria seleção brasileira. A gente jogou aqui e depois jogamos lá em Santos. A base da seleção estava no Santos, que era a Marta, Cristiane, Maurine, Andreia, Ester, toda essa base. Então acho que o maior público que eu vi até hoje porque foi em uma competição nacional.

Maria Thereza Oliveira Souza – Então como você enxerga as oportunidades de profissionalização do futebol feminino no Brasil?

Elisângela Bosa Cordeiro – Olha [suspiro], na verdade assim, essa questão de profissionalização eu acho difícil, eu acho muito difícil porque assim, muito bem terminou as olimpíadas, tinha a seleção permanente, já estão querendo cortar. Assim, eu, minha opinião como atleta, eu não sei se é bom ou se é ruim, porque na verdade eu não fui muito a favor dessa seleção permanente. Acho que o Brasil poderia ter feito mais nas Olimpíadas, as meninas fizeram o que fizeram, a garra, foram guerreiras até o final, a raça, a determinação delas, pedindo pra lutarem, pra não desistirem. Então assim, essa questão da seleção permanente fica entre algumas atletas e eles esquecem o resto, então como teve essa seleção, algumas eram da seleção, algumas estavam jogando fora e tinham ali um ajuda, mas eu acho que se você rodar esse Brasil e começar a investir mais em campeonatos estaduais, nos campeonatos estaduais, a gente conseguir ajuda, conseguir patrocínio pra isso, eu acho que tem muita menina boa de bola aí pra rodar essa seleção, não ficar só na seleção permanente, onde vinte atletas recebem uma quantidade X, sabendo que tem muitas meninas que jogam muito e que não estão tendo essa oportunidade de estar na seleção. É claro que a gente precisa começar com os campeonatos de base, as seleções de base né, então lá de baixo tem que começar a investir mais, investir mais nos clubes brasileiros, assim, eu acho que só assim a gente vai conseguir alavancar o futebol feminino.

Maria Thereza Oliveira Souza – E você vivenciou o contexto do futebol brasileiro. Você conviveu com atletas que jogaram na Europa ou nos Estados Unidos. O que elas falavam sobre o modelo que o futebol feminino é praticado fora do país?

Elisângela Bosa Cordeiro – Ah, é totalmente complexo né. Algumas jogadoras, até a Mayara que está no Corinthians e jogou aqui no Novo Mundo, a Ester que teve uma passagem fora também, é outro mundo, outro nível. Eles investem em categorias de base, em toda universidade nos Estados Unidos eles investem no futebol feminino, então assim, é gratificante, é gratificante. Eu não tive essa oportunidade de jogar fora, de ir pra fora, na verdade foi bem nessa época que eu, em [19]99, que era São Paulo, que era pra eu ir para os Estados Unidos, que eu acabei lesionando meu joelho, então eu não tive esse prazer, não

tive essa oportunidade, mas acho que assim, pra carreira de uma atleta é tudo, é uma experiência fantástica.

Maria Thereza Oliveira Souza – E como que você enxerga o tratamento que é dado às mulheres que jogam futebol no Brasil?

Elisângela Bosa Cordeiro – Olha, o tratamento assim, eu acho que precisa de mais incentivo, mais incentivo, mais apoio em prol do desenvolvimento do futebol feminino, só que eu acho que pro futebol feminino ser um pouquinho mais valorizado, você, eu atleta, eu mulher, eu jogadora, eu mãe, principalmente a gente tem que se valorizar [mão no peito], se a gente não se valorizar um pouquinho, a gente não vai conseguir alavancar isso, a gente não vai conseguir realizar ou ver um investimento maior. Falo isso porque, como eu estava conversando com você antes da entrevista, hoje eu jogo só fut7, futebol society, e meu esposo Daniel é o diretor, foi convidado para ser o diretor da CBF7 e esses dias ele me contando que ele estava numa reunião e ali veio o comentário do futebol feminino, sobre investir, sobre isso, sobre aquilo e uma pessoa falou assim: “vou falar uma coisa bem sincera pra vocês, hoje você está no meio, já trabalhou com atletas, trabalha no meio”, e a gente começou a pensar e realmente é isso. Ele falou bem assim: “no futebol feminino a gente não investe, tem muitas empresas que eu sei que não investem, porque muitas [atletas] não se valorizam”. A questão se eu sou lésbica, se eu gosto de...né, mas assim, se valorizar, se é, é. Daí meu esposo falou assim: “Tá, mas você acha que no masculino não tem? Você acha que no vôlei não tem?”. Ele deu a seguinte resposta pro Daniel: “tem sim, mas eles não ficam expondo, eles não ficam andando de agarramento, hoje você vai num estádio e estão lá num agarramento”. Então isso pro futebol feminino eu acho que é um ponto a menos.

Maria Thereza Oliveira Souza – Então você acha que o homossexualismo no futebol atrapalha o seu crescimento? As pessoas tem preconceito em olhar o futebol feminino porque ali existe realmente?

Elisângela Bosa Cordeiro – Não todos, não todo mundo né, quem sabe diferenciar as coisas, sabe, mas eu acho que tem um ponto negativo aí sim. Eu acho que se essas meninas se dessem um pouquinho mais ao respeito na questão disso, eu acho que teria sim [mais

investimento], porque na verdade a gente que tem um time de futebol feminino, a gente que corre atrás de patrocínio, às vezes eles falam com a maior naturalidade sobre isso, então assim, tem sim um ponto negativo, mas assim, não é o porquê. É falta de incentivo mesmo, é falta de apoio, às vezes falta de vontade mesmo dos clubes, dos próprios clubes de investir no futebol feminino.

Maria Thereza Oliveira Souza – Certo. Então me conte um pouco como foi a sensação de ser convocada para a seleção brasileira pela primeira vez...

Elisângela Bosa Cordeiro – Ah, é uma sensação maravilhosa né [riso]. É uma coisa que você gosta de fazer, é uma coisa que você gosta de estar ali, de estar praticando e é o sonho, acho, de qualquer menina, de qualquer atleta, de você ser convocada e de você poder participar de um amistoso. Não tive a oportunidade de jogar um mundial, de jogar uma Copa do Mundo, infelizmente né, mas assim, acho que a sensação é maravilhosa de você poder estar ali, vestindo a camisa da seleção brasileira. É maravilhoso.

Maria Thereza Oliveira Souza – E quais eram as condições que a CBF dava na questão de treinamento? A estrutura que ela disponibiliza para o futebol feminino?

Elisângela Bosa Cordeiro – Na questão da seleção a estrutura é fantástica, geralmente os treinos eram na Granja Comary. A estrutura, os campos, você tinha um cronograma, horário pra acordar, horário pra sair pra treinamento, horário pra almoçar, horário pra jantar, horário pra sair no treino à noite, horário pra dormir. Então assim, o cronograma é seguido na risca. A estrutura é fantástica.

Maria Thereza Oliveira Souza – E eles custeavam as passagens das atletas para treinos?

Elisângela Bosa Cordeiro – Sim, tanto de ida quanto de volta. Se você estava aqui, se você estava em São Paulo, se você estava em Maringá. Esse dia que ia ser a convocação, se eu estava jogando em Maringá, então eles compravam passagem e tinha, como eu falei pra você, uma quantidade em dinheiro que você recebia, toda convocação era uma quantidade X, na verdade lá na época, já faz mais de quinze anos, pra gente, pro futebol feminino, era uma quantidade ótima.

Maria Thereza Oliveira Souza – Você lembra o valor da diária que vocês recebiam?

Elisângela Bosa Cordeiro – Olha, lá na época lá, na época, chegava assim, hoje, por exemplo, a quase mil reais.

Maria Thereza Oliveira Souza – Pelo período de treinamento...

Elisângela Bosa Cordeiro – Isso, pelo período de treinamento. Eu sei que ali que eu comecei a comprar minhas coisas assim, que eu falei “nossa”. Um dinheiro que na verdade eu investi em mim, investi um pouquinho na minha mãe, algumas coisas pra ela, mas ali que eu comprei, na verdade, que tinha a esteira, que não era elétrica ainda [riso], que tinha aquela esteira que você tinha que correr, comprei minha primeira esteira com o dinheiro da seleção, minha primeira bicicleta ergométrica, alguns aparelhos pra eu poder me especializar mais [riso]

Maria Thereza Oliveira Souza – E no futebol masculino, há toda uma coletiva de imprensa pra anunciar os convocados para os jogos, inclusive teve hoje uma convocação para as eliminatórias. Como que se dava o processo para convocação no futebol feminino? Era e-mail que você recebia?

Elisângela Bosa Cordeiro – Era, na verdade, e-mail pela federação. Geralmente eles passavam diretamente pro presidente da federação de futebol feminino, pra quem era na época, aqui no Paraná. Então eles passavam, pediam os dados e daí saía por e-mail e saía na listagem da CBF no site a convocação das atletas.

Maria Thereza Oliveira Souza – E dentro da CBF, você teve contato com incentivos para que as atletas melhorassem esteticamente, pra que elas se vestissem de um forma mais feminina, digamos assim?

Sim, é, sim. Inclusive, como eu falo, lá você tem que seguir na risca. Incentivam, por exemplo, ah, você está um pouquinho acima do peso, você precisa emagrecer. Então lá você tinha ajuda de nutricionista, alimentação. Então eles te davam “ó, você está aqui na seleção, vai ficar esses vinte dias e hoje você vai comer isso, hoje você está liberada, hoje

não”. Então eles incentivavam bastante. Na questão de você se vestir, essa questão, não. Acho que o respeito, principalmente o respeito, porque na minha convocação, a minha era a segunda, mas tinha convocação de primeiras atletas. Então, algumas que estavam extasiadas [expressão de espanto] e achavam que ia chegar lá na seleção e ia ser assim, que ia ser assado, então eles frisavam muito isso – a questão do respeito entre si, respeito entre as colegas de quarto, mas não era porque eu conhecia fulano ou porque quero ficar, não, eles já dividiam os quartos. E principalmente essa questão que eu falo é porque já aconteceu de meninas irem para a seleção e quererem pegar todo mundo lá [riso] e ser cortada. Ou desrespeito por causa de horário, horário era onze horas na cama, ou você poderia estar na cama com televisão um pouquinho e já aconteceu de meninas serem cortadas na convocação lá na Granja Comary por algum atos desses [expressão de decepção]. E com relação assim a “ah, prenda seu cabelo desse jeito, passa maquiagem”...

Elisângela Bosa Cordeiro – Não, isso é livre, cada uma é como você se sente melhor, você gosta assim. Você gosta... É igual eu falo, acho que cada uma tem que se sentir bem do jeito que é, acho que você apenas precisa se dar ao respeito, seja aqui, seja em casa, seja aonde for.

Maria Thereza Oliveira Souza – Sim...e qual você considera o seu momento de maior sucesso ou realização no futebol?

Elisângela Bosa Cordeiro – O meu momento de maior sucesso, eu acho que foi a primeira convocação, que eu era muito novinha e daí fui pra uma seleção assim que já tinha os nomes, na época da Sissi, na época da Formiga, da Pretinha, da Maicon, tipo assim eu era novinha e me sentia um peixinho fora d’água, mas eu estava assim “nossa, eu na seleção”, eu estava realizada. Acho que minha primeira convocação de [19]98 foi fantástica.

Maria Thereza Oliveira Souza – E após a sua longa trajetória no futebol, você enxerga mudanças na maneira como o futebol era para como é agora? Ou na maneira como as mulheres eram vistas jogando futebol e como são vistas agora?

Elisângela Bosa Cordeiro – Ah, assim, acho que melhorou bastante, tudo, as condições. Tem alguns campeonatos estaduais, por exemplo, acho que Rio de Janeiro e São Paulo,

muito fortes nisso, melhorou bastante, campeonato Paulista. Então, eu acho que tem muito a crescer, tem muito que incentivar e acho que para o desenvolvimento do futebol feminino tem muita coisa [ainda a melhorar], principalmente a questão dos clubes e da seleção. Acho que tem que mudar muita coisa, primeiro tem que mudar dentro da CBF, continuo acreditando depois das Olimpíadas, torci cada jogo, cada minuto pras meninas e eu acho que tem que mudar lá dentro. Acho que continua uma panelinha, eu acho que precisa de pessoas novas ali, pessoas que cobrem mais a questão do futebol feminino não só na seleção em si, mas em todos os estados. Eu acho que a realização de um sonho meu, falo assim, posso estar com cinquenta anos, mas eu vou trabalhar pra isso, hoje só estou no fut7, mas assim, a realização de um sonho, porque assim, hoje jogo fut7, mas minha paixão sempre foi campo, sempre foi futebol de campo, então assim, eu gosto muito. Um sonho meu, que eu queria ver, é um campeonato brasileiro no estilo do masculino. Acho que todo clube que está disputando a série A do brasileiro masculino tinha que ter um time feminino. Então assim, um time que está na série A tinha que ter um time feminino e a mesma tabela do masculino, mesma tabela no feminino. Claro que na fase final lá, por causa das classificações, iria dar umas contradições na tabela, mas aí você ia ver em todos os estádios. Ah, não tem? Aí você ia ter que chamar atletas, vai ter que compor. Acho que não precisa nem investir na questão do futebol, mas só de você estar participando, por exemplo assim, vamos imaginar, você tendo o time do Coritiba feminino e o Flamengo do Rio, então assim, o coxa masculino e o Flamengo vão jogar aqui no Couto Pereira, a preliminar antes seria um feminino entre Coritiba e Flamengo e no segundo turno a mesma coisa seria no Maracanã. Então assim, eu espero um dia ver isso. É difícil, é uma trajetória, é uma coisa que tem que estudar a questão de investimento, mas um dia eu espero ver isso.

Maria Thereza Oliveira Souza – Eu acho que pra esse tipo de mudança acontecer seriam necessárias mais mulheres nas direções dos clubes. Você teve contato com técnicas mulheres ou com clubes que tinham mulheres em sua diretoria?

Elisângela Bosa Cordeiro – Olha, na verdade, mulheres, na verdade, só minha treinadora que eu tive aqui em Curitiba, que era a Vilmari Pacheco, na verdade, que a gente treinava na época do Colombo e hoje não está mais na área do esporte, deixou totalmente. E eu concordo plenamente, acho que a gente, principalmente ex-jogadoras, com esse novo fomento da CBF, eu acho que Formiga, algumas, por exemplo, a Aline Pelegrino já está

ali, faz parte da CBF e do Corinthians, mas eu acho que precisava mais, mais atletas, mais ex-atletas. E hoje eu conheço uma pessoa que já foi ex-atleta olímpica, uma senhora, mas é na área do fut7, mas não só do fut7 feminino, de Camaçari, da Bahia, a Dilma, inclusive ela vai ser a...vai sair a primeira seleção brasileira de fut7, então vai ter a primeira convocação agora final do ano e ela que vai ser a técnica. Então assim, só que ela é uma ex-atleta olímpica, trabalha com base, masculino, feminino. A gente jogou contra elas lá em Minas Gerais, então ela já vem com um trabalho muito grande, ela seria uma pessoa assim pro futebol feminino de campo na CBF. Então ela está fazendo parte da CBF de futebol 7, que está crescendo muito hoje, mas ela seria uma pessoa que eu indicaria, hoje, que eu indicaria. Claro, vai ser a técnica, pra ela também está sendo uma realização, que ela vai ser a técnica do fut7 né, e em dezembro, novembro ela vai fazer a primeira convocação, então vai ser a primeira convocação de futebol 7.

Maria Thereza Oliveira Souza – E você chegou a jogar contra a Marta e teve contato com ela na seleção. Você acha que a imagem dela é pouco explorada pra fazer o futebol feminino crescer no Brasil?

Elisângela Bosa Cordeiro – Não, eu acho que assim...claro que a imagem dela eles podiam usar mais, porque não tem, eu acho que ela é a melhor, acho que a pessoa, a garra que ela tem, a determinação que ela tem, a força de vontade, não desistir, não desistir, então não é a toa que foi cinco vezes melhor do mundo. Eu acho que ela, não só ela, mas outras jogadoras, tem muitas outras jogadoras, então, se eles investissem um pouquinho mais, usassem a imagem dela um pouco mais, acho que daria uma boa [ênfase} ajudinha aí para o futebol feminino.

Maria Thereza Oliveira Souza – E em algum momento você sofreu preconceito por jogar futebol?

Elisângela Bosa Cordeiro – Já, já tive algum...é que é aquela coisa né: “ah, você joga futebol”. Eu já tive casos de estar trocada pra ir jogar e você escutar da arquibancada: “ah, o time chegou, vai jogar o time de sapatão, time disso, time daquilo”. Então assim, todo lugar tem, não adianta, a

sociedade hoje em dia aceita, melhorou um pouquinho em relação a isso, mas é como eu falei, não é só o futebol feminino, acho que se você olhar em todas as modalidades né. Então, acho que o preconceito sempre vai existir [expressão de pesar].

Maria Thereza Oliveira Souza – E você se incomoda por ter atletas que façam com que essa imagem do futebol feminino seja criada?

Elisângela Bosa Cordeiro – Não, nem um pouquinho. Eu acho assim, cada uma tem que se sentir bem do jeito que é, mas é como eu falei acho que a primeira coisa que tem que ter é respeito e o respeito vem de casa, na família, na comunidade, então o principal é o respeito, acho que cada um tem que ser feliz do jeito que é, do jeito que gosta.

Maria Thereza Oliveira Souza – Uhum, e em algum momento você já sofreu um preconceito inverso? A gente sabe que o universo do futebol feminino é permeado por questões de homossexualismo, mulheres que se vestem mais parecidas com o gênero masculino, enfim. Em algum momento você já foi deixada de lado por não estar inserida nesse tipo de padrão?

Elisângela Bosa Cordeiro – Não, graças a Deus não [riso]. Na verdade minhas melhores amigas são do futebol feminino, então elas são, hoje, é, é, é... Heteros [na verdade quis dizer homossexuais], então assim, não tem essa questão, homossexuais [corrigindo a palavra anterior]. Então assim, não tenho. Acho que minhas melhores amigas, minha vida inteira eu cresci com isso, desde os dezesseis anos até hoje, não quero mudar, na verdade são melhores amigas, algumas frequentam minha casa, conhecem minha família, conhecem pai, conhecem mãe. Então assim, nunca, nunca tive esse “ah, porque você tem”, não, nunca tive isso, graças a Deus.

Maria Thereza Oliveira Souza – E em algum momento você já se sentiu pressionada a ser mais feminina, digamos assim, pra combater aquela visão que as pessoa tem do futebol feminino?

Elisângela Bosa Cordeiro - Não, não, esse preconceito eu não tive não. Eu sempre fui desse meu jeito mesmo, na verdade sempre fui assim, um pouquinho, feminina [riso], sempre fui desse meu jeito. Nunca tive esse problema não.

Maria Thereza Oliveira Souza – Aham. E o que você vislumbra para o futuro do futebol feminino no Brasil? Você acha que essa Olimpíada que a gente levou muita gente aos estádios, as pessoas viram o futebol feminino, viram que dá pra jogar futebol, bem tecnicamente, sendo mulher, agora que começaram a ser vendidas camisas da seleção brasileira com nomes das atletas mulheres...

Elisângela Bosa Cordeiro – Ótimo, aleluia [olhos para o alto e balaço positivo com a cabeça].

Maria Thereza Oliveira Souza – Tomara que continue né...você vislumbra uma melhora?

Elisângela Bosa Cordeiro – Eu acho que sim, eu acho que depois dessa Olimpíada, pena que não veio nem a medalha de bronze né, e eu estava achando por ser no Brasil, com o incentivo que a gente estava, a garra das meninas, a determinação que elas estavam [que iria ser conquistada uma medalha]. Eu acho que vai dar uma melhorada e não vai ser pouco não, acho que eles vão investir mais sim, acho que elas provaram e mostraram para o mundo, não só para o Brasil, que a gente é capaz né, que a gente é capaz e o que falta é um pouquinho de investimento.

Maria Thereza Oliveira Souza – E em relação ao mercado do futebol feminino, não há uma transferência de passe ou venda de atletas como há no masculino. Você alguma vez teve algum empresário ou alguém que te ajudou a ir para os clubes, alguma coisa assim?

Elisângela Bosa Cordeiro – Não, nunca tive, na verdade sempre foi por contatos mesmo. Igual eu falo, as minhas duas vezes, na verdade, que eu tive de ir foi por contato, de me verem jogando. Eu fui jogar o campeonato lá em Minas Gerais e me viram jogando lá e através da internet conseguiram telefone, me ligaram e falaram “olha, eu sou do time tal e queria que você viesse aqui fazer um teste e jogar”. Então eu acabava indo e “ah, eu pago

isso, pago aquilo” [fala de quem fazia a proposta]. Então assim, nunca tive alguém que [falasse] “ah, isso aqui é furada”. Nas vezes que deu certo e nas vezes em que eu quebrei a cara, foi sozinha mesmo, eu não tive uma pessoa que me ajudasse. Hoje eu tenho, hoje eu tenho na verdade meu esposo, mas nunca tive.

Maria Thereza Oliveira Souza – E o que te faz continuar jogando mesmo com todas essas dificuldades?

Elisângela Bosa Cordeiro – Teimosia [riso], como diz minha mãe. Porque eu já fiz quatro cirurgias, como eu falei anteriormente, quatro cirurgias de ligamento cruzado, inclusive, a última cirurgia foi meio complicada e depois eu acabei machucando meu joelho de volta, e eu estou com uma lesão na patela, uma lesão muito grave na verdade e eu consegui recuperar, fiquei um ano parada pra não operar, porque se eu tiver que operar, eu vou ter que parar definitivamente. Então aquela teimosia assim “não, não vou, não quero, acho que não é a hora”. Também não sou mais novinha, estou com 36 anos, mas assim, eu tive que optar por jogar uma coisa só. Como o campo, infelizmente, não tem mais aqui no Paraná, não tem mais investimento, não tem campeonato estadual, não tem o Paranaense, não tem nenhum campeonatinho de final de semana pra campo, então eu estou só fut7, uma modalidade que vem crescendo bastante, não só aqui no Paraná, mas em todo o Brasil e aquela coisa que a minha médica pediu “você opta por uma coisa, salão nem pensar”. Nunca fui muito fã de salão, joguei sim, mas nunca fui muito fã de salão, então optei pelo fut7, acho que tem menos impacto, comecei a jogar ali, comecei a gostar, aí comecei a jogar no time da Equipe Forte, que hoje a gente é campeã brasileira, campeã da Copa do Brasil e esse ano, agora em outubro, a gente vai de volta pra Minas. Fomos campeãs da Recopa do ano passado, e esse ano a gente vai pra Minas tentar buscar o bicampeonato brasileiro. Então assim, isso faz com que você se motive, tenha mais motivação, “opa, eu acho que eu posso, eu acho que consigo”. Sei que às vezes não consigo da mesma maneira que eu conseguia lá atrás, mas hoje eu tenho um incentivo maior, que é do meu esposo, do Daniel, porque faz quatro anos que a gente está junto, então quando ele me conheceu foi ali na última cirurgia, então eu estava meio desanimada, daí ele começou a me acompanhar, começou a se envolver com o futebol feminino, inclusive faz dois anos que ele foi técnico da Equipe Forte, que foi o campeão da Copa do Brasil, campeão brasileiro. Então assim, eu tenho uma motivação a mais, tenho ele, a minha força de vontade, como eu vi a Formiga

jogando, acho que não é o momento, acho que tenho mais, um pouquinho mais de mim pra dar. Eu sou meio que dura, não desisto tão fácil e como vai ter essa seleção brasileira de fut7, acho que lá no fundinho resta uma vontade, “opa, acho que eu posso”. Se eu não consegui [seguir na seleção brasileira de futebol], se eu tive alguns motivos lá que eu não pude, alguns motivos...por causa da minha filha, que acho que é meu bem mais precioso, mas eu acho que, como abriram essas portas agora, eu posso realizar.

Maria Thereza Oliveira Souza – E o time de vocês tem patrocínio? De que maneira vocês se mantêm?

Elisângela Bosa Cordeiro – Olha, o time, hoje, não tem patrocínio nenhum. Na verdade nesses dois anos, os campeonatos que a gente foi, o ano retrasado que a gente foi pra Minas, no Brasileiro, e começo desse ano, que a gente foi pra Copa, foi o Daniel, ele que bancou tudo, na verdade que [providenciou] passagens, conseguiu ônibus, alimentação. Então assim, na verdade a gente que está cuidando do time, eu, ele e a Joelma, que já é das antigas, que já fazia parte. O nosso treinador, que na época era o Wagner, teve problemas particulares, e há dois anos, e ele ia abandonar o time e ali ele pediu “eu não queria [que acabasse], queria que vocês cuidassem” e aí meu esposo acabou se envolvendo com o futebol e passou a ser ele o técnico e o Mazinho, o auxiliar, que é o esposo da Joelma. E ali a gente começou, daí ele começou a investir, porque ele tem bastante contato, começou a pedir ali, começou a divulgar mais “olha, hoje eu estou trabalhando, hoje isso”. Então assim, a gente tinha algumas pequenas ajudas, mas assim, tudo ele bancava, tudo ele bancava, tudo a gente dava um jeito, “ah, vamos tentar fazer isso, vamos tentar fazer aquilo” e esse ano a gente, como ele trabalha com o ministro, é assessor do Eduardo Barros, atual ministro, assim, com a política ele conhece bastante gente, então assim ele conseguiu um convênio pra gente esse ano com a sede de São José, então hoje o nosso time é São José dos Pinhais/Equipe Forte, então a gente conseguiu pra esse sul-brasileiro, etapa do Campeonato Brasileiro, que foi aqui em São José, então a gente já entrou representando a cidade de São José. A gente teve ajuda, por exemplo, nas despesas do último campeonato que a gente foi pra Minas – eles conseguiram ônibus pra gente, que é uma ajuda muito grande, porque a gente sabe a dificuldade que tem. Então, algumas coisinhas a gente consegue, mas na verdade, é tudo ele que vem bancando. Inclusive agora em Minas, em outubro, que vai ter a etapa final do brasileiro, porque teve as etapas nas regiões e agora

vai ser a etapa final lá em Minas, a gente comprou todas as passagens já, em oito vezes no cartão [riso], de todas as atletas que vão do nosso time, da Equipe Forte e estamos correndo atrás pra pagar, eu e ele. Já reservamos hotel lá, para o hotel tinha que dar uns 50% [antecipado] e aí a gente vai. Então assim, a gente compra, agora a gente comprou e vamos tentar fazer com que as meninas não paguem. Há dois anos a gente fez a mesma coisa, compramos as passagens aéreas em dez vezes [riso, porque a gente comprou pela Gol, que daí dá pra fazer em dez vezes [riso] e cada atleta pagou sua passagem. A gente comprou e aí “eu vou, eu vou, eu quero”, a gente fez sessenta reais por mês e cada atleta pagou a sua passagem. Assim, é difícil, é difícil, mas a gente espera ver uma melhoria [sorriso].

Maria Thereza Oliveira Souza – E nunca, nos clubes em que você passou, tinham patrocínios que bancavam?

Elisângela Bosa Cordeiro – Não. Nunca. Sempre é uma pessoa o patrocínio. Geralmente o técnico tira do bolso, geralmente. Acho que hoje é difícil. Pode ter uma ajuda de uma loja, de alguma coisa, mas geralmente acho que não tem. Técnico tira, acho que 80% ele que custeia as despesas do futebol feminino.

Maria Thereza Oliveira Souza – E em algum momento o futebol e a sua carreira te atrapalharam de estudar ou você conseguiu levar as duas coisas ao mesmo tempo?

Elisângela Bosa Cordeiro – Olha, algumas coisas do futebol, na verdade assim, na verdade eu deixei de...eu poderia assim, hoje eu poderia ter, como eu falei, a oportunidade de ter jogado no exterior, alguma coisa assim, não que o futebol deixasse, mas na verdade eu deixei minhas questões particulares. Na época, meu namorado, que é o pai da minha filha, ele era assim meio ressabiado nessa questão. Então assim, eu me privei um pouquinho de ir jogar, de poder jogar fora, de “ah, eu vou lá, vou investir”, não. Então, acho que eu deixei de ir, de correr atrás. Eu sabia que poderia ser um pouquinho melhor, não 100%, mas poderia viver um pouquinho melhor disso. Daí, eu optei por ficar aqui mesmo em Curitiba, sempre trabalhei, nunca sobrevivi do futebol, sempre trabalhando, treinando a noite, tinha dias que treinava de segunda a sábado, jogos nos finais de semana. Quando estava jogando aqui em Curitiba e em Maringá, sexta-feira a noite pegava ônibus e ia pra Maringá, viajava a noite inteira, chegava lá e jogava sábado a tarde, voltava pra

Curitiba e jogava no domingo aqui, então eu viajava em duas noites pra poder jogar em duas cidades diferentes, e assim, treinando de segunda a sexta à noite e trabalhando sempre.

Maria Thereza Oliveira Souza – Então pra finalizar, você gostaria de deixar uma mensagem para as meninas que anseiam e desejam jogar futebol?

Elisângela Bosa Cordeiro – Eu acho assim, a mensagem é pra não desistir, se você tem um sonho você tem que correr atrás. Eu acho que vai alavancar, acho que vai dar uma melhorada e assim, o que eu peço na verdade é pra que os grandes patrocinadores, a CBF, como disse a Formiga lá né, não deixarem de lutar, porque a gente jamais vai deixar de lutar pra ver o futebol feminino cada vez melhor [sorriso].

Maria Thereza Oliveira Souza – Muito Obrigada Elisângela, pela sua entrevista [riso].

Elisângela Bosa Cordeiro – De nada [sorriso].

[FINAL DA ENTREVISTA]